

# Murilo Mendes, leitor de Romano Guardini<sup>1</sup>

PABLO SIMPSON<sup>1</sup>

UMA NOTA contextual não me parece desnecessária para situar o encontro de um artigo de Murilo Mendes sobre Romano Guardini, publicado em *O Estado de S. Paulo* com o título “Um livro revolucionário” em 25 de junho de 1948 e reproduzido no anexo. Estava inserido numa edição de *Poesia em pânico* presente na Casa Guilherme de Almeida da rua Macapá, bairro de Perdizes, em São Paulo, sem que se saiba ao certo se essa inserção foi realizada pelo poeta mineiro ou se pelo paulista.<sup>2</sup> No momento da pesquisa, o interesse era percorrer as eventuais bibliotecas, por assim dizer, religiosas de alguns escritores brasileiros. No caso de Guilherme de Almeida, tratava-se de uma visita motivada por versos como estes abaixo do poema “Oferenda” do *Livro de horas de Soror Dolorosa*, de 1920:

Em minha mão mais fresca que uma concha,  
suspendo aos lábios do Senhor  
as lágrimas de fel da pobre monja  
que amou demais o seu amor (Almeida, 1920, p.11)

Na biblioteca de Guilherme de Almeida havia poucos estudos religiosos e vários livros de poesia: *Christus imperat* (1930) de Octávio Mangabeira, *Na mão de Deus* (1958) de Lucas Teixeira, *A alma das horas* (1958) de Olavo Dantas, *Liturgias* (1965) do poeta e artista Theon Spanudis. Dentre eles constava o de Murilo Mendes e a nota recortada do texto completo sobre Romano Guardini, cujo contexto material assinala ao menos três coisas. A primeira delas, o trânsito conjunto de um projeto de poesia religiosa e uma reflexão sobre o catolicismo no século XX, com menção aos principais teólogos contemporâneos. Trata-se de um projeto explícito em Murilo Mendes, indicado num livro como *O discípulo de Emaús*, de 1945, quando afirma que “A doutrina católica é supremamente elegante” (Mendes, 1997, p.838) ou propõe que a arte deva “voltar à unidade” (ibidem, p.840), com um projeto distinto do também aforístico *Rappel à l'ordre* de Jean Cocteau, livro de 1926, porque fundada, essa “chamada à ordem”, na Igreja.<sup>3</sup> O texto recortado que acompanha o livro de poemas é menos um ensaio crítico sobre arte ou poesia religiosa, que Murilo Mendes fez, em certa medida, em alguns *Retratos-relâmpagos*, em *Recordações de Ismael Nery* ou no artigo “O eterno nas letras brasileiras modernas” (Mendes 1936) – de modo menos abrangente do que Roger Bastide, por exemplo, em seus *Estudos sobre a poesia religiosa no Brasil* – do que uma apresentação de um livro em dois tomos sobre Jesus Cristo, intitulado *O Senhor*.

A segunda delas, a presença consistente de obras religiosas na biblioteca de Murilo, em contraste com a biblioteca de Guilherme de Almeida. Dos quatro autores mencionados logo no início do artigo sobre Romano Guardini – Karl Borromäus Adam, Columba Marmion, Anscar Vonier e Gertrud Von Le Fort – há nela considerável bibliografia, sobretudo em língua francesa, como é o caso também da edição de *Le Seigneur* de Guardini, presente na tradução francesa de Pierre Lorson, padre jesuíta, autor de *Un chretien peut-il être objecteur de conscience?* (1941), cuja edição também consta do acervo. Essa presença confirma o que poeta indicou no ensaio “A poesia e o nosso tempo”, texto originalmente de 1959, em que refez o seu percurso intelectual:

Entre 1924 e 1952 fiz acurados estudos de religião católica, ora por minha conta, ora sob a orientação de dois ilustres teólogos beneditinos, dom Tomás Keller e dom Martinho Michler. Bem que tenha lido e meditado por diversas vezes toda a Bíblia, dediquei-me em particular às epístolas de São Paulo e ao Evangelho de São João. Li também inúmeros tratados patrísticos. Entre os medievais estudei com muita atenção Mestre Eckhart, Suso e Raimundo Lúlio. Do rico patrimônio cultural do catolicismo em nossa época interessou-me mais a obra de teólogos, exegetas e sociólogos como Newman, dom Anscar Vonier, dom Columba Marmion, Karl Adam, Romano Guardini, Henri de Lubac, Teilhard de Chardin, L. Lebreton, de que a de poetas e romancistas como Claudel, Péguy, Mauriac, Bernanos, Grahaam Greene, se bem que conheça e admire a todos esses também. (Mendes, 2014, p.250-1)

Essa presença mais evidente de livros religiosos aproxima Murilo Mendes de um conjunto de poetas que passaram a dedicar-se aos estudos de teologia. É conhecido o movimento de poetas católicos nessa direção. Paul Claudel foi autor de obra exegética importante reunida postumamente por Michel Malicet, Dominique Millet e Xavier Tilliette, em 2004, com o título *Le Poète et la Bible*, obra que lhe ocupou 25 anos de produção intelectual. Jean Grosjean, de que consta um livro autografado na biblioteca Murilo Mendes, escreveu um longo tratado sobre a ironia crística no Evangelho de João, além de ter traduzido o Novo Testamento.

A terceira, por fim, o fato de essa reflexão estar presente em revistas e suplementos literários. Maria Betânia Amoroso (2012) percorreu nos últimos anos essa produção crítica, como indicou em “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. Estudou uma série de textos que o poeta publicou em *Dom Casmurro*, em 1937, revista literária dirigida por Álvaro Moreyra e Brício de Abreu, indicando-nos que “pouco se escreveu sobre Murilo Mendes e o catolicismo, como também pouco se escreveu sobre o poeta mineiro enquanto intelectual participante da vida literária brasileira” (Amoroso, 2012, p.84). Num desses textos, o mais conhecido, intitulado “Perfil do catolicão”, Murilo pretendeu associar certa compreensão da religião católica com novas propostas estéticas. Em momento polêmico e humorado, o “catolicão” lembra-nos do burguês “pouco-a-pouco” da conhecida ode de Mário de Andrade:

O catolicão possui um senso tão agudo da propriedade, que acredita ser a burrice propriedade dele só. Ninguém mais tem o direito de ser burro. Os catolicões tiraram patente. Um indício seguro para se reconhecer o catolicão: ele tem um incedível mau gosto em matéria de arte e de literatura. O catolicão prefere tudo o que é insípido, incolor, aguado. Repugnam-lhes os alimentos fortes, os tons violentos, precisos. (apud Amoroso, 2012, p.86)

Como observou Maria Betânia Amoroso (2012, p.88), trata-se de uma luta do poeta contra a religião de hábito, e que poderíamos observar, com o mesmo humor, num poema em prosa de Max Jacob, que também se converteu ao catolicismo, embora não tenha tido o projeto de Murilo Mendes de uma Igreja católica que “se apresentasse como uma força moderna de integração da sociedade” (ibidem). Intitula-se “Famílias cristãs” e foi publicado em *Derniers poèmes*:

Houve um grande acontecimento na Escola congregacionalista de X. Um milagre formidável! Um monge bateu num rapaz porque este havia caçoado dele. O adolescente tomou Cristo como testemunho de que não caçoara, e o Cristo de mármore branco estendeu seu braço sobre a vítima para abençoá-la e o mesmo braço estapeou o algoz. Toda a sala estava de joelhos. Vocações nasceram, pensam que deu no quê? As famílias ficaram comovidas. Retiraram as crianças do pensionato não porque nelas se batia mas porque a educação era “muito mística demais. (apud Simpson, 2012, p.139)

São artigos, no caso de Murilo Mendes, em que se mesclam política e literatura, saindo do âmbito de uma “crônica mundana”, como nos textos que publicou no jornal *A Tarde* em Juiz de Fora nos anos 1920 (Pereira, 2004). Artigos longos como “O catolicismo e os integralistas”, “Integralismo, mística desviada”, “Resposta aos integralistas”, num contexto de combate ideológico. Esse último, por exemplo, dedicou-se à disputa com o poeta Tasso da Silveira: sobre comunismo, integralismo, com menção a textos da Igreja como a encíclica *Divini Redemptoris* e alertando para o fato de a ação integralista roubar “parte das atividades próprias à Igreja e parte das atividades próprias à polícia”, com o risco de tornar-se “um grande movimento anticlerical” (apud Macedo, 2016, p.120-1). Tais artigos valeram ao editor Brício de Abreu, como indicou Tania de Luca (2013, p.287), “vários dissabores por ocasião do golpe do Estado Novo – encarceramento, proibição de circulação do jornal, uma enxurrada de cartas anônimas contra a publicação – atribuídos à campanha do *Correio da Manhã* e de folhas integralistas, que qualificavam *Dom Casmurro* de jornal francês e comunista”.<sup>4</sup>

Rafael Velloso Macedo, mais recentemente, recolheu e analisou alguns desses artigos, aos quais somou outros publicados em *Boletim de Ariel*. São uma pequena parte da produção jornalística do poeta, que publicou ainda na *Revista de Antropofagia*, no *Jornal do Brasil*, no *Jornal do Comércio* do Recife. Nesses artigos algumas fontes teológicas, pressentidas em sua obra literária, como no trecho sobre o “homem integral” do fragmento 170 de *O discípulo de Emaús*, se

manifestam. Jacques Maritain é uma delas, referido em defesa própria no artigo “Prendam o papa”, em contexto de repúdio ao fascismo espanhol e campanha dos meios de imprensa brasileiros para desacreditar o pontífice. A resposta de Murilo Mendes aproxima as posições de Maritain da própria Igreja, com o respaldo da encíclica *Caritate Christi compulsi* (1932) com que Pio XI denunciaria o imperialismo nacionalista.<sup>5</sup> No artigo, menciona a “autoridade e serenidade de filósofo cristão, rigorosamente fiel à disciplina e obediente às diretrizes da Igreja” (apud Macedo, 2016, p.120). Afirma considerar suspeito o “apetite teológico” de jornais e políticos brasileiros na condenação do autor francês e assinala que a Igreja estaria, como Maritain, “acima e independente de todos os fascismos, comunismos e outros ismos deste mundo” (ibidem, p.130).

É, de algum modo, nesse contexto de difusão de um debate cristão, portanto, quando o cristianismo “despertou e voltou à arena, à luta política e social, ao debate dos problemas não só transcendentais como imediatos”, afirmaria Murilo (apud Guimarães, 2012, p.145), que publica o artigo sobre Romano Guardini. Trata-se de um momento de tentativa de universalização da mensagem cristã, quando defenderia “a beleza e a universalidade do Evangelho” (apud Macedo, 2016, p.120). “Universo”, aliás, é, como se sabe, palavra recorrente em sua poesia: “Tudo no universo marcha” em “Poema dialético”, ou no “antiuniverso” do poema “O filho pródigo” (Mendes, 1997, p.410 e 444).<sup>6</sup> Lembramos da universalidade que pretendeu para a arte ao defender a vantagem do cinema com relação à pintura,<sup>7</sup> num momento em que ele e muitos outros estão pensando a arte proletária: quando Louis Aragon e André Gide, por exemplo, vão à Rússia, Aragon em 1930, Gide em 1936. Murilo Mendes, em vários desses artigos, traz essa universalidade da arte e da literatura para o âmbito religioso: Baudelaire seria um poeta “informado do catolicismo até a medula”, Breton, “católico sem saber”, Bandeira, um “poeta pré-católico – talvez sem o saber, pois que me declarou uma vez não gostar de catolicismo”, Jorge Amado e José Lins do Rego “muito mais cristãos do que certos frequentadores de igreja que tiram o chapéu diante do Banco do Brasil” (apud Macedo, 2016, p.123, 124, 106), para concluir que “anticatólicos e acatólicos são nossos irmãos transviados [...] pertencem todos ao Cristo” (ibidem, p.95). Como afirmaria Raul Antelo, citando o artigo “Poesia universal” de Murilo Mendes publicado no *Boletim de Ariel*:

É esse o sentido do catolicismo muriliano, o da construção de um novo universal pós-kantiano, que fica claro quando afirma, por exemplo que “todos os homens, todas as culturas tendem, consciente ou inconscientemente, para a catolicidade, que não é outra coisa senão a recapitulação de tudo em Cristo, o Espírito Universal por excelência. (Antelo, 2006, p.12)

Para além dessa universalidade, o contexto é também de renovação. Foi o que observou o crítico Alceu Amoroso Lima nas obras de Georges Bernanos, Murilo Mendes e Ismael Nery, por meio da recuperação de uma tradição mística medieval no primeiro, e com a defesa de um sentido de liberdade, do “homem livre”, em Murilo e Ismael.

A França, para Bernanos, estava indissolúvelmente ligada a uma concepção mística, medieval e cristã, a que juntava as tradições das lutas populares. Por isso mesmo repudiava a concepção tradicionalista católica, de um catolicismo já burguês, que vê na Revolução Francesa uma antítese do espírito religioso cristão. (Lima, 1973, p.169)

Tanto Murilo Mendes como Ismael Nery são precursores, entre nós, de um movimento sísmico, sem ruptura, mas com distinções importantes no catolicismo mundial e não apenas brasileiro. Quero referir-me à cisão, embora sem ruptura integral, entre integristas e progressistas, que prefiro chamar de conservadores e renovadores. (ibidem, p.109)<sup>8</sup>

Como se poderá observar, no artigo sobre Romano Guardini a palavra central será “revolução”: um livro “revolucionário”. Indicam-se, com isso, algumas dimensões. A primeira delas, uma renovação ou renascença, afirmaria Murilo Mendes, dos estudos litúrgicos no século XX, para a qual Guardini teve contribuição fundamental com o livro *Espírito da liturgia*. A segunda, uma nova interpretação que Guardini promoveria dos ensinamentos de Jesus Cristo: “em lugar de pensar o Cristo em função do mundo, faz pensar o mundo e todas as coisas em função do Cristo”, diria Murilo em paráfrase da conclusão do livro de Guardini (1945, p.273). Por fim, em seu último parágrafo, a ideia de um cristianismo como “começo de uma vida nova”. Estaria assim, no Cristo, o início de uma “verdadeira revolução, que, não contente com o campo deste mundo, ainda se transporta para o de outro”.

Não se trata aqui, portanto, do que Murilo Mendes indicou em “A comunhão dos santos”, quando propôs que “todo o católico deve ser automaticamente comunista” (apud Macedo, 2016, p.132) ou do que escreveu num artigo sobre Albert Béguin publicado em 1958 na revista *Diálogo* — “costumo dizer que o socialismo é o agudo aguilhão do cristianismo” (apud Guimarães, 2012, p.145)<sup>9</sup> – embora pressinta-se, no artigo sobre Guardini, um inconformismo com a condição presente. Trata-se menos de um questionamento da sociedade burguesa do que, desta vez, de um sentido da experiência cristã capaz de confrontar tempo e eternidade, contingência e transcendência, “a corrupção do pecado e a santidade divina”, tensões ou um “drama”, em suas palavras, fundamentais para a compreensão também de sua poesia.<sup>10</sup>

\* \* \*

Romano Guardini nasceu na Itália em 1885. Foi ainda criança à Alemanha, onde fez estudos de teologia, ordenou-se padre e defendeu uma tese de doutorado sobre São Boaventura. Em 1923, tornou-se professor de Filosofia da Religião na Universidade de Berlim, sendo posteriormente afastado pelos nazistas em virtude da publicação do artigo “Der Heiland”, no qual criticou a idolatria por parte de Hitler no uso da saudação “heil”; para Guardini o único salvador/*Heiland* é o Cristo (Krieg, 2004, p.118). A partir de 1945, foi professor respectivamente nas universidades de Tubinga e Munique. É o momento em que várias de suas obras são traduzidas para o francês: a editora Plon edita *Espí-*

*rito da liturgia*, originalmente publicada em 1918; *A essência do Cristianismo* é publicada em 1945; *O universo religioso de Dostoievski*, em 1947.

*O Senhor* foi publicado em alemão com o título *Der Herr* em 1937, traduzido para o francês em 1945 e para o português em 1964 pela Agir. A edição que apresenta Murilo Mendes é a francesa, embora esteja presente na biblioteca do poeta também a edição portuguesa traduzida por Fernando Gil, ao lado de outros seis livros de Guardini: *L'Esprit de la liturgie* (1930), *Les fins dernières* (1950), *Pascal ou le drame de la conscience chretienne* (1951), *Initiation à la prière* (1951), *Les sens et la connaissance de Dieu* (1954) e *Dante, visionnaire de l'éternité* (1962).<sup>11</sup> Foram todos esses livros muitíssimo anotados por Murilo Mendes, mais anotados do que livros de poesia e crítica literária em geral. Em *Initiation à la prière*, por exemplo, grifa uma frase de grande importância para a sua poética: “O homem deve apreender a tornar-se *presente*” (Guardini, 1949, p.23), com essa tripla dimensão: do aprendizado, do tempo – de um homem cujo acesso a si mesmo se dá na sua relação e distância do tempo, como afirmaria no poema “Primeira meditação”: “Só no tempo exterior dependemos da história,/ Intimamente não” (Mendes, 1997, p.771) – e do presente. Nesse mesmo livro, publicado na França em 1940, Murilo Mendes grifa ainda trechos que apontam para uma dimensão antissentimentalista da liturgia. Um deles é um fragmento que vai no sentido de opor à intuição a ordem, a disciplina e o trabalho:

A prece que jorra de um impulso interior parece, no conjunto, ser quase a exceção. Quem quiser edificar apenas sobre ela a sua vida religiosa quase não irá mais rezar. Seria com um homem que quisesse dedicar-se inteiramente à intuição e à inspiração, e deixar de lado a ordem, a disciplina, o trabalho. Uma vida assim estaria livrada ao acaso. (Guardini, 1949, p.12)<sup>12</sup>

Trata-se de uma oposição que também estará em *O espírito da liturgia*. Por um lado, assinala, em trecho grifado por Murilo, que um pensamento dogmático nos “libertaria da servidão do sentimentalismo, do vago e do incômodo sensíveis” (Guardini, 1930, p.109). Para Guardini, em trechos igualmente grifados por Murilo, “a liturgia não gosta das efusões do sentimento”, “a liturgia é a emoção domada” (ibidem, p.116). Com o auxílio da observação de Robert D'Harcourt no prefácio à edição francesa, retira-se do âmbito da liturgia uma “tendência instintiva do mundo contemporâneo a fazer da emoção a condição da prece” (ibidem, p.35), reforçando os seus vínculos com a razão teológica. Para Guardini, ainda: “toda tentativa para fundar o valor de verdade do dogma sobre o seu valor vital é profundamente anticatólico”, também com grifo do poeta brasileiro (ibidem, p.269).

Em rápido paralelo com a poesia de Murilo, é possível compreender o seu interesse por esses trechos e o seu desinteresse pelas leituras que foram feitas por parte de poetas convertidos ao catolicismo no início do século XX da obra do abade Henri Brémond, autor de *La poésie pure* e de *Histoire littéraire du senti-*

*ment religieux en France*.<sup>13</sup> Supõe uma dimensão intelectualizada do discurso religioso mas também poético, assumindo o tom “de severo rigor”, como observou Júlio Castañon Guimarães, que se manifestaria com a publicação, em 1959, de *Sonetos brancos*, livro escrito entre 1946 e 1948 (Guimarães, 1986, p.64-65), contemporâneo ao artigo sobre Guardini. Em trecho citado por Joana Matos Frias, que toma de empréstimo a expressão “surrealismo lúcido” de Luciana Stegagno Picchio, há uma frase de Murilo Mendes em correspondência enviada a Walmir Ayala que afirmaria que a “operação poética é baseada em linguagem, afetividade e engenho construtivo” (apud Frias, 2001, p.85).<sup>14</sup>

São indicações que repercutirão no conjunto de artigos que publicaria nos anos 1940 sobre o artista Ismael Nery. Nos estudos sobre Nery, menciona Guardini nessa mesma chave da compreensão da liturgia como razão, ou como afirmaria Bento XVI, de um “primado do Logos sobre o ethos” (Ratzinger, 2013, p.129), ainda que esse não faça da teologia pura teoria, mas um existencial (Balthasar, 2010).<sup>15</sup> Murilo nos explicita o interesse do artista brasileiro pelo tomismo, diz-nos que Ismael “detestava o vago”. Afirma, ademais, que viria mais tarde a descobrir que um dos principais motivos do interesse de Ismael Nery pela liturgia “residia no fato de esta operar uma síntese realista, como o demonstra Romano Guardini no seu célebre livro” (Mendes, 1996, p.82-3). Daí, muito possivelmente, a presença de abreviações espalhadas pelas margens dos livros de Guardini feitas por Murilo, marcadas com “ess.”, talvez abreviação de “essencialismo”.

Por outro lado, Murilo está atento ao movimento de Guardini de fundar a liturgia em sua dimensão coletiva, com um “estilo litúrgico” — título de um capítulo de *O espírito da liturgia* — por meio do qual a emoção individual se traduziria em elementos essenciais, simbólicos, compartilhados (Guardini, 1930, p.160). São momentos que Murilo grifa com indicações curtas: a essência íntima da liturgia seria ser si-mesma uma obra de arte (ibidem, p.220), sem, contudo, reduzir-se a um esteticismo (ibidem, p.248). A liturgia retiraria o “indivíduo da esfera das ideias habituais para apropriar-se de um mundo de pensamentos infinitamente mais amplo e mais rico” (ibidem p.145).<sup>16</sup> É possível pressentir o diálogo com essa dupla visada, da riqueza e da amplitude simbólicas, num trecho importante que escreveu sobre Ismael Nery:

A maioria dos fiéis apresenta a tradição como um símbolo inerte, incapaz de renovação e de participação às fontes vivas. Ismael mostrou-nos a fecundidade da tradição católica e sua plasticidade dentro da rigidez de certos princípios imutáveis. Mostrou-nos que a própria experiência histórica revela a riqueza e mobilidade da doutrina católica, adaptável a todos os tempos, civilizações e regimes políticos. (Mendes, 1996, p.83)

No caso de *O Senhor*, há um volume grande de grifos sobretudo no capítulo “A morte” do primeiro tomo e na parte dedicada ao Apocalipse, no segundo. Como se sabe, o livro de Guardini relata a vida de Jesus desde a sua genealogia

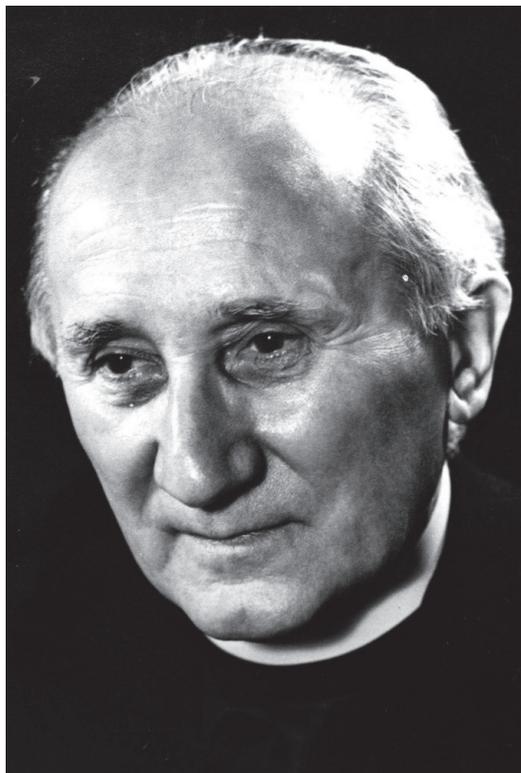
até o fim dos tempos, com notável atenção ao contexto histórico, que poderia fazer dele um modernista como Alfred Loisy, não fosse, por um lado, uma compreensão do papel da Igreja notadamente distinto do autor de *L'Évangile et l'Église* — “É a Igreja que detém a ciência divina da verdade” (Guardini, 1945, p.181) – por outro, sua dimensão sobrenatural, jamais submetida “às normas do possível e do conveniente” (ibidem, p.272).

Em *O Senhor*, um tema constante reaparece articulado com o que Guardini chamaria de “experiência profética”, que é a dupla oposição entre a existência histórica dos homens e o futuro, o tempo e a eternidade. Com a primeira, explicita o quanto o profeta seria aquele que interpreta a história “em função da visão salvífica de Deus”, erguendo as barreiras na qual está “fechada a existência histórica” (ibidem, p.9-10), cuja verdadeira significação permaneceria, portanto, escondida. Com a segunda, assinala o abalo que o temporal sofreria diante da eternidade revelada pelo Apocalipse: “o apocalipse ensina o que se torna o tempo quando chega a eternidade” (ibidem, p.235-6). Trata-se de uma página marcada em marginalia por Murilo Mendes com a indicação “tempo e eternidade”. Sugere-nos, sobretudo, o poema “O pavor ante o eterno”, que consta da primeira edição de *Tempo e eternidade*, posteriormente suprimido:

Meu Deus  
Afasta de mim Tua face;  
Cobre-Te com as nuvens e o arco-iris,  
Porque não suporto tão grande esplendor.  
Não precisas de fazer maiores milagres  
Do que os desdobramentos da alma imortal  
E a conservação da nossa vida  
Apesar das catástrofes diárias.  
Para que duvidar de Ti, si Te vejo?  
Afasta de mim Tua face transluminosa:  
Meu ser temporal só tem coragem de vê-la,  
Diminuída, nos meus irmãos corruptíveis, como eu.  
(Mendes; Lima, 1935, p.99)

Nesse poema, há essa falta de coragem do eu diante da eternidade e o desejo, assim, de vê-la reduzida ao tempo. Encontramos nele um olhar muito distinto de outros poemas desse livro tão apocalíptico, em que o eu se mostra muitas vezes confiante face ao sobrenatural. É como se acenasse, com esse movimento de recusa que não significa dúvida mas um “abalo”, nas palavras de Guardini, para o mesmo gesto que realizará mais tarde o eu de Carlos Drummond de Andrade (2006, p.301) em sua “Máquina do Mundo”, com a visão de um esplendor que será, neste, menos ofuscante, de uma máquina que não produzirá “nem um clarão maior que o tolerável”.

\* \* \*



*Romano Guardini (1885-1968).*

Uma última nota antes de prosseguirmos ao artigo de Murilo Mendes. Assim como o poeta, outros intelectuais e escritores brasileiros se interessaram por Romano Guardini. Rubem Braga afirmou em crônica de 1954 ter sido Athos Bulcão um leitor da obra do teólogo (Braga, 2016). Carlos Drummond de Andrade também teve contato com o livro *De la mélancolie* em sua edição francesa (Camilo, 2001, p.163).<sup>17</sup> Suzy Sperber (1976, p.21) afirmou ter sido Guardini uma das influências de Guimarães Rosa. Alguns anos após o artigo de Murilo Mendes, entretanto, Tasso da Silveira publicou dois textos sobre Romano Guardini: um breve artigo em que defendeu a importância de sua leitura, ao lado de Garrigou-Lagrange, contra a “mixórdia sensorial de Proust, ou a sofística existencial de Sartre” (Silveira, 1951a, p.3), e uma resenha de *Le Seigneur*, dessa vez a partir de sua tradução para o português.<sup>18</sup>

No artigo sobre Guardini, Tasso da Silveira observa a atenção do teólogo à humanidade do Cristo, louva a sua “eficácia criativa”, que aproximaria de Proust: “também Guardini escava incansavelmente a crosta seca do tema, perfurando-a até atingir o núcleo de humus virgem, em que toda a fertilidade pulsa viva [...] não é uma análise, propriamente, que procedem. É uma ressurreição.” (Silveira, 1951b, p.5). E conclui com uma das questões centrais à obra do teólogo: a possibilidade de uma Redenção sem Paixão, ou, como afirmaria Murilo, “que a crucificação talvez não estivesse no primitivo plano de Deus”.

\* \* \*

## Um livro revolucionário

Murilo Mendes (25.6.1948, *O Estado de S. Paulo*)

Parece-me apressado afirmar categoricamente que o homem do século XX rejeitou Cristo. Abstraindo o grande número dos que – dignos ou indignos – o confessam, há ainda um número bem ponderável de pessoas que secretamente anseiam por Ele, que gostariam de chegar a uma adesão integral. Mesmo os mais cândidos e ingênuos, os que aparentemente consideram o Cristo “superado” por novas ideias e novas categorias científicas, políticas ou religiosas, mesmo estes, se puderem se examinar sem influências ambientes, se puderem descer ao fundo de si mesmo, verificarão que o mais íntimo, o mais puro e intocado de seu ser apela para um valor absoluto, um valor que não seja atingido pelo tempo. Parece que a instabilidade das teorias e dos sistemas atuais pelo menos conseguiu isto: pôr a nu um desejo espiritual de permanência, uma sede de essencial. O homem está sendo acuado por forças superiores que ele não pode dominar nem pesar nos seus instrumentos de precisão. Até as pessoas mais superficiais e mais indiferentes pressentem que algo de grande está se passando além das dimensões comuns. Verifica-se ainda o caso de muitos materialistas que recuam nas explicações dos grandes problemas da existência humana, explicações dadas como definitivas até há poucos anos em termos puramente econômicos ou políticos.

Os herdeiros dos enciclopedistas começam a intuir que existem outros fenômenos além daqueles percebidos normalmente pelos sentidos. Mesmo muitos evolucionistas ortodoxos já compreendem que o espírito escapa às leis da evolução estando isto ao alcance da observação comum.

Qualquer homem de boa fé que tomar os Evangelhos e os examinar atentamente, mesmo sem os recursos de luzes extraordinárias, verificará que todos aqueles fatos passaram-se num determinado ponto da terra, nos anos tais, sob o governo de tais imperadores ou cônsules, e que ao mesmo tempo se passam todos os dias em qualquer outro ponto da terra, sob quaisquer outras autoridades. Nenhuma figura, nenhum personagem dos Evangelhos envelheceu, porque os autores inspirados gravaram somente seus traços fundamentais e apresentaram situações promovidas à categoria de símbolos, pois que se repetem diariamente na existência comum. Mas não é só por isto que o tempo não atinge a novidade do Evangelho: o motivo principal é que o próprio Verbo de Deus lhe insufla a vida que Ele mesmo quer comunicar aos homens, e com prodigalidade.

A exegese de quase vinte séculos apropriou-se a pessoa e a mensagem do Cristo, levantando um formidável monumento de amor, ciência e espiritualidade, mas cujas partes apresentam interesse desigual. Ao lado de livros e estudos objetivos baseados nas fontes autênticas visando a unidade da Revelação, existem inúmeras manifestações de pieguice, oriundas de um subjetivismo duvidoso, oferecendo uma versão muito particularizada do Cristo – concepção essa plasticamente exteriorizada nas insípidas imagens da escola do St. Sulpice que se espalharam pelo mundo inteiro, e estão a milhares de léguas da verdadeira fisionomia do Cristo.

Esta nos pode ser reconstituída pelo Novo Testamento ou pela exegese dos Padres e teólogos que seguem com fidelidade a letra e o espírito dos Livros revelados, e sua mensagem não-temperamental, mensagem encarnada numa Pessoa que é ao mesmo tempo uma realidade ontológica, o Cristo Jesus. Entre os autores do nosso tempo que mais de perto seguem esta linha, figuram Karl Adam,<sup>19</sup> Dom Columba Marmion,<sup>20</sup> Dom Ascário Vonier<sup>21</sup> e Romano Guardini.

Romano Guardini, padre secular, nascido na Itália de pais italianos, foi cedo levado para a Alemanha e lá foi educado, escreveu e publicou seus livros. A mocidade católica alemã dos anos 20, dada aos esportes, aos jogos, à vida de “equipe” sentia que um espírito superior devia presidir essas manifestações de vitalidade: mas faltava quem lhe desse a fórmula de tudo isto, a justificação desses movimentos naturais. Esse homem foi Romano Guardini, com o seu famoso livro *O Espírito da Liturgia*. Tornou-se Guardini um dos chefes da renascença litúrgica da nossa época, sendo ao mesmo tempo considerado um dos escritores mais vivos da Alemanha moderna, ao lado da grande Gertrude Von Le Fort.<sup>22</sup> Além de outros livros, publicou ainda um ensaio denso, *O Universo religioso de Dostoievski*, e agora chega-nos às mãos a versão francesa de sua obra sobre o Cristo, versão essa que traz o título *Le Seigneur* (trad. Do P. Lorson,<sup>23</sup> S. J. Edition Alsatia, 1945, Paris).

O livro de Guardini segue de perto o Evangelho, abstraindo completamente as considerações de ordem sentimental e subjetivista. Este livro é uma revolução e uma libertação. É uma revolução nos métodos habituais de exame da pessoa e dos atos do Cristo; é uma libertação porque opera uma mudança do eixo chamado fé: em lugar de pensar o Cristo em função do mundo, faz pensar o mundo e todas as coisas em função do Cristo. Nada tão necessário ao homem de nossos dias, mais absorvido pela idéia de tempo do que o homem de qualquer outra época... Esta obra põe-nos no centro mesmo da realidade do Cristo, de sua essência e de sua permanência. Mostra a perfeita conjugação do Cristo histórico e do Cristo místico, do Cristo homem e do Cristo Deus. Aponta os fatos do Evangelho não como episódios distantes, mas como exames e iluminações da nossa própria vida individual e coletiva. Creio não ter conhecido até hoje um livro que projete luz tão forte sobre as intenções do Cristo, esclarecendo de modo definitivo nossas origens e nossas finalidades. O “élan” da obra não se perde em nenhuma página; sente-se ali um movimento impetuoso e irresistível, uma ventania de Pentecostes. Chegamos a uma conclusão: não se deve ser mais abalado pelos acontecimentos exteriores, ainda que fortíssimos, do que pelos acontecimentos contidos na Revelação, que transcendem a contingência e anunciam a subversão total do universo e uma nova vida, a do conhecimento de Deus através do seu Filho enviado à terra para realizar um batismo de fogo e recapitular todas as coisas na sua pessoa. Depois da leitura e meditações deste livro, não é possível a ninguém mais persistir na ignorância de pessoa do Cristo, sob o pretexto de que é revolucionário e que o cristianismo está “superado”: qualquer um de boa fé perceberá logo que o cristianismo é de fato inquietante, uma verdadeira máquina de explorar o céu, a terra, o inferno e o coração do homem: que o cristianismo consegue fundir estes dois termos, a doçura e a implacabilidade. Porque o Cristo – não adianta escondê-lo – embora tenha dito que seu jugo é suave, se nos apresenta como um amigo exigente, duro de aturar às vezes. Muitos dos judeus e dos discípulos sentiram-no ao seu contacto. É que o Cristo reclama a permanência no seu amor: na observância do seus preceitos não pode haver intervalos, solução de continuidade. O fiel tem que estar sempre a postos, de noite e de dia. O Cristo, além do mais, não oferece compensações imediatas, nem possui sentimentalismo de espécie alguma. Como a caridade está longe do sentimentalismo! De fato é difícil a vida comunitária com três pessoas invisíveis, o Pai inexorável que manda seu Filho único ser crucificado, o Filho que não distribui elogios nem promessas de lucro terreno, o Espírito Santo, cuja missão é destruir a preguiça e a rotina, transformando diariamente a face da terra. Por isto o apóstolo São Paulo escreveu que vivia sempre “temendo e estremecendo”. A religião católica ao mesmo tempo

que afirma a miséria e decadência do homem declara que ele deverá julgar os anjos. Entre a corrupção do pecado e a santidade divina oscila o paradoxal cristão, exilado num período do qual ele deve se desgarrar logo ao nascer pelo batismo, renunciando a esse mundo oposto ao Cristo, ao mesmo tempo que deverá assumi-lo pela caridade. Por isso o cristão é sempre estranho aos outros homens: já os primeiros documentos da nossa era assinalam o caráter particular, muito marcado dessa gente. O cristão é fundamentalmente uma criatura de drama: vive numa contínua luta entre tempo e eternidade, entre a zona do Filho de Deus e a zona do espírito das trevas. Quando Guardini escreve — e com ele o cremos que o Cristo é uma realidade cósmica, tomamos essa expressão no sentido grego, isto é, o de que o Cristo é o poder ordenador e regulador, o estabelecedor de limites entre o bem e o mal, e não um senho de um vago infinito tão afeiçoado pelos poetas românticos. Foi para separar a luz das trevas que o Cristo veio ao mundo, conforme declara São João no início do seu Evangelho. Mas as trevas não o compreenderam. O malogro da missão do Cristo é um tema que se impõe sempre ao espírito de todos os seus fiéis. Guardini examina várias vezes esse problema delicado mostrando audaciosamente que a crucificação talvez não estivesse no primitivo plano de Deus, tendo o Cristo sido forçado a aceitá-la devido à malícia, incompreensão e dureza dos homens. Quis o Filho de Deus assumir a miséria humana sob todas as suas formas e até as suas extremas consequências, ao invés de dar um caráter abstrato à Redenção.

\* \* \*

Romano Guardini dedica várias páginas do seu grande livro ao comentário do Apocalipse. Surge daí o Apocalipse não apenas um registro de profecias e de alegorias, com alusões históricas, mas também, e, sobretudo um livro [de] consolação e de julgamento. Todo o simbolismo do Apocalipse é desmontado aos nossos olhos, não só como visão do futuro, mas com a elevação do presente a uma categoria mística, a do encontro no plano cósmico, entre a consciência do fiel e a realidade do Cristo vencedor e juiz da história. A chamada precursora do julgamento final em cada decisão humana, eis o que é o apocalíptico, diz Guardini. Produz o Apocalipse em síntese a pressão da eternidade sobre o tempo. Considerando os fins últimos do homem, o crente opõe à instabilidade de todas as coisas a permanência do Cristo como valor único e indestrutível. O apocalipse é o coroamento da vida do Cristo e de sua mensagem, o remate da Redenção, por assim dizer.

Creio que mais do que nenhum outro, o livro de Guardini faz compreender que o cristianismo é o começo de uma vida nova, que o cristão é o homem novo anunciado com insistência nas epístolas de S. Paulo, e que do Cristo parte a verdadeira revolução, que, não contente com o campo deste mundo, ainda se transporta para o de outro (E. S. I.<sup>24</sup>).

## Notas

- 1 Este artigo faz parte do projeto de pesquisa “Literatura e Catolicismo no século XX” (Fapesp 2017/06254-5).
- 2 Em conversa com a conservadora da Casa Guilherme de Almeida, Marlene Laky, esta afirmou que é muito provável que o recorte tenha sido feito pelo próprio Guilherme de Almeida.
- 3 Jean Cocteau, no artigo “Le secret professionnel”, incluído nesse mesmo livro, afirmaria não saber “no que a poesia nos afasta ou aproxima de Deus”. Segundo ele, o “espírito de poesia” seria o “espírito religioso fora de toda religião precisa” e estaria próximo do que Paul Claudel identificou em Rimbaud como um “misticismo em estado selvagem” (Cocteau, 1995, p.512).
- 4 Há outras informações sobre a revista que estão no artigo de Tania Regina de Luca (2013). Uma delas, a de que Brício de Abreu teria publicado um livro de poemas intitulado *Evangelho de ternura*, em 1921.
- 5 “*Non possono fomentare quell'imperialismo nazionalistico*”, afirma o texto da encíclica, consultado em vatican.va.
- 6 Joana Matos Frias, em *O erro de Hamlet: poesia e dialética em Murilo Mendes*, nos lembra que há quatro princípios da estrutura poetológica de Murilo, o primeiro deles a “*universalidade* da arte, e, concretamente, da poesia”, com o qual se relaciona o terceiro princípio: “o entendimento da obra ou do texto como lugar de *conciliação de contrários*”. Os grifos são seus (Frias, 2002: 68). Indica-nos ainda a proximidade de Murilo desse universalismo dos “modernistas que pretenderam edificar obras não limitadas pelo espaço geográfico ou cultural dos seus países” (ibidem, p.69).
- 7 Cf. o artigo coligido por Raphael Velloso Macedo “O impasse da pintura” foi publicado por Murilo no *Boletim de Ariel* em 1931: “O cinema não substituirá a pintura, mas, pintura, em movimento, suceder-lhe-á. Com a vantagem do seu caráter de universalidade.” (apud Macedo, 2016, p.93).
- 8 Assinalo apenas a importância de pensar essa “renovação” de Alceu Amoroso Lima em contraste com o que propôs em seu estudo publicado em *A literatura no Brasil* de Afrânio Coutinho (1986) com o título “A *reação* espiritualista” (grifo meu).
- 9 Nessa mesma edição de Júlio Castañon Guimarães, que recolhe cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus, há três do poeta brasileiro enviadas a Beguin.
- 10 Joana Matos Frias observou uma dimensão dialética nos textos de Murilo que poderíamos aproximar desse “drama”. Para Frias (2001, p.78), “o seu texto é sempre um tecido de conflitos cuja resolução anularia o próprio texto, situando-se pois no momento dialético ou negativamente-racional em que a contradição subsiste enquanto lei de funcionamento do texto”. Davi Arrigucci Jr. (2000, p.149) chamou a atenção para o *topos* do *theatrum mundi* em Murilo, refazendo “a perspectiva de nossa própria condição no mundo, sujeita como processo natural à perene catástrofe, embora aspirando à sobrevivência”.
- 11 As datas são das edições francesas. Em português estão traduzidos *Espírito da liturgia*, com duas edições, pela Lumen Christi (1942), com tradução de F. A. Ribeiro, e pela Cultor de Livros (2018), sem indicação do tradutor, *O fim dos tempos modernos*, pela Livraria Morais Editora (1964), com tradução de M. S. Lourenço, reeditado com o título *O fim da Idade Moderna* pelas Edições 70 (2018) e *Introdução à vida de oração*,

pela Cultor de Livros (2018). Há ainda as edições das *Cartas de formação* traduzidas pelo poeta Ruy Belo (Áster, 1960), de *O mundo e a pessoa*, traduzida por Fernando Gil (Livraria Duas Cidades, 1963), de *A aceitação de si mesmo: as idades da vida* (Palas Athena, 1987), traduzido por João Camara Neiva, e de *Liberdade, graça e destino*, traduzida por Domingos Sequeira para Aster (1953).

- 12 Reproduzo o trecho em francês: “*La prière qui jaillit d’une impulsion intérieure paraît, dans l’ensemble, être presque l’exception. Qui voudrait édifier sur elle seule sa vie religieuse en viendrait vraisemblablement à ne plus prier. Il ressemblerait à un homme qui voudrait s’en remettre complètement à l’intuition et à l’inspiration, et laisser de côté l’ordre, la discipline, le travail. Une vie de ce genre serait livrée au hasard*”.
- 13 Há três livros do abade Brémond na biblioteca de Murilo: *Sainte Catherine d’Alexandrie* (1917), *La poésie pure* (1926) e *Autour de l’humanisme d’Erasmus a Pascal* (1936).
- 14 Joana Matos Frias (2001, p.85), interessada pelas “relações construtivas” do poeta, menciona ainda a expressão “lucidez construtiva” empregada por José Paulo Paes para descrever a poesia muriliana. O debate sobre construção e imaginação está também em Davi Arrigucci Jr. (2000, p.119 ss.), que se servirá da imagem da “arquitetura” da memória, emprestada de Vieira da Silva, para apontar, com o ritmo de Murilo, para uma “secreta harmonia em meio ao aleatório ostensivo dos escombros caóticos” (ibidem, p.133).
- 15 Ebook: “*He wanted theology to be understood, never as pure theory, but equally as an existential*”.
- 16 Ou ainda, na página 164: “Nos veremos constantemente na liturgia a expressão espiritual – que nesta se encarna na palavra, no gesto, na cor ou no objeto cultural – despojada de sua particularidade individual, intensificada, apaziguada, alçada ao estatuto de valor universal”.
- 17 Cf. ainda *O Movimento litúrgico no Brasil* de José Arioaldo da Silva, que menciona as leituras de Guardini feitas no Brasil no século XX.
- 18 Como se sabe, Tasso da Silveira foi um dos editores responsáveis pela revista modernista *Festa*, com a participação de autores importantes, como Henriqueta Lisboa e Cecília Meirelles. É importante esse diálogo com Tasso da Silveira, pensando, por um lado, no artigo muito agressivo que lhe dirigiu Murilo Mendes, intitulado “Resposta aos integristas”, mas também, por outro, que a opção por uma poesia religiosa por parte de Murilo resultou em algo muito distinto do grupo da revista *Festa*.
- 19 Karl Borromäus Adam (1876-1966) nasceu na Bavaria (Alemanha), e foi um teólogo católico do início do século XX. Ordenado em 1900, tornou-se doutor pela universidade de Munique em 1904, onde foi professor de teologia a partir de 1915. A editora Cultor de Livros, de que tomo de empréstimo esta nota informativa, publicou de sua autoria *Jesus Cristo*. Na Biblioteca Murilo Mendes, consta a sua edição francesa publicada em Mulhouse pela editora Salvator em 1934 [N.T.].
- 20 Columba Marmion (1858-1923) nasceu em Dublin onde, aos dezesseis anos, ingressou no seminário diocesano. Formou-se em teologia em Roma, tornando-se monge e abade. No Brasil, a editora Cultor de Livros publicou cinco de seus livros: *A união com Deus em Cristo*, *Jesus Cristo nos seus mistérios*, *Jesus Cristo, ideal do monge*, *Jesus Cristo, vida da alma* e *Sponsa Verbi: a Virgem consagrada ao Senhor*. Há mais informações sobre o abade, beatificado por João Paulo II em 3 de setembro de 2000, em <[www.marmion.be/marmp1000.html](http://www.marmion.be/marmp1000.html)>. Quatro livros dele estão presentes na biblioteca de

Murilo Mendes em edições francesas: *Le Christ dans ses mysteres*, *Le Christ ideal du moine*, *Le Christ vie de l'ame*, *Sponsa verbi*, publicados pela editora Desclée de Brouwer [N.T.].

- 21 Ou Anscar Vonier (1875-1938), foi teólogo beneditino, conhecido também como o abade de Buckfast. No Brasil, foram publicados de sua autoria os livros *Os Anjos*, *O Povo de Deus*, *Vitória de Cristo* e *O Espírito Cristão*, os dois últimos pela editora Lumen Christi entre 1939 e 1940. Há em andamento o Projeto Anscar Vonier (<<https://anscarvonier.wordpress.com>>) de tradução de suas obras inéditas. Há seis livros de A. Vonier na biblioteca de Murilo Mendes, em edições brasileiras, francesas e espanholas.
- 22 Gertrud Von Le Fort (1876-1971) foi uma escritora alemã convertida ao catolicismo em 1926, autora de *A última ao cadafalso: medo e esperança*, *O Papa do Ghetto* e *A Mulher eterna*, traduzidos em português e o primeiro deles adaptado por Georges Bernanos em *O Diálogo das Carmelitas*. O poeta Tasso da Silveira, que traduziu alguns dos poemas de Le Fort para o suplemento *Letras e Artes* em 1946, afirmou no artigo “Meus poetas”, ter sido ela uma das últimas vozes a repercutir “nos subterrâneos do meu ser” (cf. p.14 de 11.5.1952). Na biblioteca de Murilo Mendes, constam edições francesas de *A última ao cadafalso*, *O véu de Verônica* e *A Mulher eterna*, todas dos anos 1930.
- 23 Pierre Lorson (1897-1954), padre jesuíta, autor de *Un chretien peut-il etre objecteur de conscience?* (1941), livro que consta na biblioteca de Murilo Mendes.
- 24 Não consigo recuperar o que possa significar a abreviação. A referência ao homem novo, todavia, está na Epístola aos Efésios, 2-15 e 4-20. Segundo nota da *Bíblia de Jerusalém* (1973, p.2199), o homem novo seria o protótipo da nova humanidade. Está também no capítulo 6 da Epístola aos Romanos, com a instituição do batismo como acesso a um novo nascimento: “assim também nós vivamos vida nova”.

## Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1973.

ALMEIDA, G. de. *Livro de horas de Soror Dolorosa “A que morreu de amor”*. São Paulo: Nacional, 1920.

AMOROSO, M. B. Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n.16, p.82-98, 2012.

ANDRADE, C. D. de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

ANTELO, R. Murilo, o surrealismo e a religião. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v.6, n.8/9. *Poesia: passagens e impasses*, p.4-17, 2006.

ARRIGUCCI JUNIOR, D. *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

BALTHASAR, H. U. Von. *Romano Guardini: reform from the source*. Trans. Albert K. Wimmer and D. C. Schindler. San Francisco: Ignatius Press, 2010 (ebook).

BRAGA, R. *Segredos todos de Djanira e outras crônicas sobre arte e artistas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

CAMILO, V. *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

- COCTEAU, J. *Romans, poésies, oeuvres diverses*. La Pochothèque, 1995.
- FRIAS, J. M. O “Surrealismo lúcido” de Murilo Mendes. *Remate de Males*, Campinas, p.63-93, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O erro de Hamlet: poesia e dialética em Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- GUARDINI, R. *L’Esprit de la liturgie*. Traduit par Robert D’Harcourt. Paris: Librarie Plon, 1930.
- \_\_\_\_\_. *Le Seigneur*, 2 tomes. Alsatia, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Initiation à la prière*. Traduit par Jean Minéry S. J. Editions Alsatia, 1949.
- GUIMARÃES, J. C. *Murilo Mendes: a invenção do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.
- KRIEG, R. A. *Catholic theologians in Nazy Germany*. New York; London: Continuum, 2004.
- LIMA, A. A. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LUCA, T. R. de. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v.29, n.49, p.277-301, jan./abr. 2013.
- MACEDO, R. V. *Murilo Mendes nos periódicos Boletim de Ariel e Dom Casmurro*. Campinas, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.
- MENDES, M. O eterno nas letras brasileiras. *Lanterna verde: boletim da sociedade Felipe d’Oliveira*. 4 de novembro de 1936, p.43-8.
- \_\_\_\_\_. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Duas Cidades/Edusp, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Antologia poética*. Org. Júlio Castañon Guimarães e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.
- MENDES, M.; LIMA, Jorge. *Tempo e eternidade*. Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1935.
- PEREIRA, M. L. S. (Org.) *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Ed. UFJF, 2004.
- RATZINGER, J. *Introdução ao espírito da liturgia*. Trad. Silvia Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- SILVEIRA, T. Guardini e Garrigou. *Letras e Artes: suplemento de A Manhã*, 29.7.1951a.
- \_\_\_\_\_. O Senhor. *Letras e Artes: suplemento de A Manhã*, 2.12.1951b.
- SIMPSON, P. *O Rumor dos cortejos: poesia cristã francesa do século XX*. São Paulo: Ed. Fap-Unifesp, 2012.
- SPERBER, S. F. *Caos e cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

*RESUMO* – Este texto apresenta e contextualiza a publicação de um artigo de Murilo Mendes em 1948 com o título “Um livro revolucionário”, dedicado ao livro *O Senhor (Der Herr, 1937)* do teólogo ítalo-alemão Romano Guardini. Partindo do estudo das bibliotecas pessoais de escritores religiosos, pretende-se situar o artigo de Murilo Mendes no contexto das disputas estéticas e teológicas no pensamento católico brasileiro, tanto quanto compreender os desdobramentos da leitura de Guardini para a sua poética.

*PALAVRAS-CHAVE:* Murilo Mendes, Romano Guardini, Poesia brasileira, Teologia.

*ABSTRACT* – This paper presents and contextualizes the publication of an article by Murilo Mendes in 1948 titled “A Revolutionary Book”, on the book *The Lord (Der Herr, 1937)* by Italian-German theologian Romano Guardini. Starting with the study of personal libraries of religious writers, we intend to situate Mendes’ article in the context of the aesthetic and theological disputes in Brazilian Catholic thought, and understand how reading Guardini influenced Mendes’ poetry.

*KEYWORDS:* Murilo Mendes, Romano Guardini, Brazilian poetry, Theology.

*Pablo Simpson* é doutor em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. @ – pablo.simpson@unesp.br / <https://orcid.org/0000-0002-2645-8939>

Recebido em 6.9.2019 e aceito em 7.10.2019.

<sup>1</sup> Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

O ESTADO DE S. PAULO — SEXTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1948

# Cinema e Radio

## UM LIVRO REVOLUCIONARIO

MURILO MENDES

Farce-me apressado afirmar esquivamente que o homem do século XX rejeitou o Cristo Abstraindo o grande número dos que — digamos — o indignos — o confessam. Há, ali, um número bem ponderável de pessoas que secretamente admiram por Ele, que gostariam de chegar a uma adesão integral. Mesmo se, os mais candidos e ingenuos — e que aparentemente consideram o Cristo "suspendido" por covardias e novas categorias científicas, políticas ou religiosas, mesmo se, se puderem examinar sem influências ambientais, se puderem fazer ao fundo de si mesmo, verificando que o mais íntimo, o mais puro e inocado de seu ser apeia para um valor absoluto, um valor que não seja atingido pelo tempo? Parece que a instabilidade das teorias e dos sistemas atuais pelo menos conseguiu isto: pôr a nu um desejo espiritual de permanência, uma sede de essencial. O homem está sendo acudido por forças superiores que ele não pode dominar nem pejar nos seus instrumentos de precisão. Até as pessoas mais superficiais e mais indiferentes apresentam que algo de grande está se passando além das dimensões comuns. Verifica-se ainda o caso de muitos materialistas que recuam nas explicações das grandes problemas da existência humana explicando-as como definitivas há alguns anos em termos puramente econômicos e políticos.

Os herdeiros dos entropologistas começam a lufar, sob existiam outros fenômenos além daqueles percebidos puramente pelo sentir sensitivo. Mesmo muitos evolucionistas ortodoxos já compreendem que o espírito escapa às leis da evolução estando láto no alcance da observação comum. Qualquer homem de bom-fé que leia as Evangelhas e os examine atentamente, mesmo sem os recursos de luzes extrínsecas, verificará que todos aqueles fatos passaram-se num determinado ponto da terra, nos seus talos, sob o governo de tais imperadores ou consules, e que ao mesmo tempo se passaram todos os dias em qualquer outro ponto da terra, sob qualquer outras autoridades. Nenhuma figura, nenhum personagem dos Evangelhos envelheceu, porque os autores inspirados guardaram somente essas situações promíscuas e categorizadas de símbolos, pois que se repetem diariamente na existência comum. Mas não é só por isto que o tempo não alonga a novidade do Evangelho; e motivo principal é que o próprio Verbo de Deus não lassou a dita que Ele mesmo quer continuar aos homens, e com prodigalidade.

A seqüência de quase vinte séculos apropriou-se a pensar e a mensagem do Cristo, levantando um formidável monumento de amor, ciência e espiritualidade, mas cujas partes apresentam interesse desigual. Ao lado de livros e estudos objetivos baseados nas fontes autênticas visando a unidade da Revelação, existem milhares manifestações de plêto, oriundas de um subjetivismo?

divíduos, oferecendo uma versão muito particularizada do Cristo — conceito essa plasticamente esboçado nas lindas lições da escola do St. Sulpice que se separaram pelo mundo inteiro, e as por milhares de línguas da verdade filonômica do Cristo.

Esta nos pode ser reconhecido pelo Novo Testamento, ou pela exegese dos Padres e teólogos que seguiram com fidelidade a letra, e o espírito dos Livros revelados, e sua mensagem não-temperamental, mantendo encarnada numa Pessoa que é ao mesmo tempo uma realidade ontológica, o Cristo Jesus. Entre os autores do nosso tempo que mais de perto seguiram esta linha, figuram Karl Adam, Dom Columba Marmion, Dom Anscario Vunier e Romano Guardini.

\*

Romano Guardini, padre secular, nascido na Itália da parte italiana, foi cedo levado para a Alemanha, e lá foi educado, escreveu e publicou seus livros. A mocidade italiana além dos anos 20, dada aos esportes e à vida de "bon vivant" sentia que um espírito superior deveria produzir essas manifestações de vitalidade; mas faltava quem lhe desse a fórmula de tudo isto, as justificações, as motivações naturais. Esse homem foi Romano Guardini, autor do seu famoso livro "O espírito da Liturgia". Tornou-se Guardini um dos chefes da renascença litúrgica da nossa época, sendo ao mesmo tempo considerado um dos escritores mais vivos da Alemanha moderna, ao lado da grande Gertrude Von Le Fort. Além de outros livros, publicou ainda um ensaio denso, "O universo religioso de Dostoiévski", e agora chegam-nos já o verso francês de sua obra sobre o Cristo, "Verbo vivo" (trad. do P. Lorenz, H. J. Edition Alsatia, 1943, Paris).

O livro de Guardini segue da parte Evangelho, abstraindo completamente as considerações de ordem sentimental e subjetivista. Este livro é uma revolução e uma lição. É uma revolução nos métodos habituais de ensino da Bíblia e do ato do Cristo: é uma libertação porque opera uma mudança de direção; não há, em lugar de pensar o Cristo em função do mundo, faz pensar o mundo e todas as coisas em função do Cristo. Nada tão necessário ao homem de nossos dias, mais aborrido pela falta de tempo do que o homem de qualquer outra época... "A obra põe-nos no centro mesmo da realidade do Cristo, de sua essência, e da sua permanência. Mostra a perfeita congruência do Cristo histórico e do Cristo místico, do Cristo homem e do Cristo Deus. Aponta os fatos do Evangelho não como episódios distantes, mas como esboços e terminações de nossa própria vida individual e coletiva. Cristo não ser conhecido até hoje um livro que projete luz tão forte sobre os interiores do Cristo, escrevendo de modo definitivo nossas próprias e nossas finalidades." "Além" da obra não se perde em nenhuma página; sente-se ali um movimento impetuoso e irresistível, uma ventania de Pentecostes. Chegamos a uma conclusão: não se deve ser mais abalado pelas acontecimentos exteriores, ainda que fortíssimos, do que pelos acontecimentos interiores da Revelação, que transcendem a contingência e situam-se a subsistência total do universo e uma nova vida, a do conhecimento de Deus através do seu Filho enviado à terra para realizar um batismo de fogo e recapitular todas as coisas na sua pessoa. Depois da leitura e meditação deste livro, não é possível a ninguém mais pretender ignorância de pessoa do Cristo, sob o pretexto de que é revolucionário e que o cristianismo está "superado"; qualquer um de nós perceberá logo que o cristianismo é de fato inquietante, uma verdadeira máscara de explorador e de terra, o inferno e o coração do homem; que o cristianismo consegue fundir estas duas coisas, doutrina e a implançabilidade. Porque o Cristo não adianta escondê-lo — embora tenha dito que seu jugo é suave, se não apresenta como um antigo exigente, duro de alguns dias vezes. Muitos dos judeus e dos discípulos sentiram-no ao seu contacto. E que o Cristo reclama a permanência em seu amor; na observância dos seus preceitos não pode haver intermissão, interrupção de continuidade. O fiel tem que estar sempre a pensar, de noite e de dia. O Cristo, além do mais, não oferece compensações imediatas, nem possui sentimentalismo de espécie alguma. Como a caridade está livre do sentimentalismo? De fato é difícil a vida comunitária com três ou quatro pessoas invisíveis, ou Fal inexistíveis que manda seu Filho único ser crucificado, o Filho que não distribui proleiros nem promessas de lucro terreno, o Espírito Santo que não destrói a preguiça e a rotina, transformando diariamente a alma da terra. Por isto o apóstolo São Paulo escreveu que vivia sempre "ameando e estremeando". A realidade calcula no mesmo tempo, que afirma a miséria e desconfiança do homem declara que ele deverá sofrer no além. Entre a corrupção do pecado e a santidade divina existe o paradoxal cristão, estando num

período provecto do qual ele deve se desgarrar logo ao nascer pelo batismo, renunciando a esse mundo do oposto ao Cristo, ao mesmo tempo que deverá assumir-lo pela caridade. Por isto o cristão é sempre estranho aos outros homens: já os primeiros documentos da fé, em sua atualizam o caráter particular, muito marcado dessa gente. O cristão é fundamentalmente uma criatura de drama; vive numa contínua luta entre tempo e eternidade, entre a zona do Filho de Deus e a zona do espírito das trevas, quando Guardini escreve — e com ele o cruce, que o Cristo é uma realidade cósmica, tomamos consciência de sua natureza. Logo isto é, o de que o Cristo é o poder ordenador e regulador, o estabelecido de limites entre o bem e o mal, e não um senhor de um vago infinito tão afilhado pelo mundo, conforme declara não João no título do seu Evangelho. Mas as trevas não o compreendem? O malgrado da missão do Cristo é uma zona que se impõe sempre ao espírito de todos os seus fiéis. Romano Guardini examina várias vezes esse problema delimitando sucessivamente que a crucificação talvez não estivesse no primitivo plano de Deus, quando o Cristo foi forçado a aceitar a perigo de mácula, incompreensão e dureza dos homens. Quis o Filho de Deus assumir a miséria humana sob todas as suas formas e até as suas últimas consequências, ao invés de dar um caráter abstrato à Redenção.

\*

Romano Guardini dedica várias páginas do seu grande livro ao comentário do Apocalipse. Surge daí o Apocalipse não apenas um registro de profecias e de alegorias, com alusões históricas, mas também, e sobretudo um livro consolador e de julgamento. Todo o simbolismo do Apocalipse é desmontado nos nossos olhos; não se vê como visão do futuro, mas uma elevação do presente a uma existência mística, a do encontro no plano cósmico, entre a consciência do fiel e a realidade do Cristo venedor e juiz da história. A chamada profecia do julgamento final encide dentro humana, eis o que é apocalíptico, diz Guardini. Produz o apocalipse em silêncio, a pressão da eternidade sobre o tempo. Considerando as fitas últimas do homem, a criação, o instabilidade, a desconfiança nas coisas, a permanência do Cristo como valor único e insubstituível. O apocalíptico é o coramento da vida do Cristo e de sua mensagem, o remate da Redenção, por assim dizer.

O livro que mais do que nenhum outro, o livro de Guardini faz compreender que o cristianismo é o processo de uma vida nova, que o cristão é um homem novo, que o cristão não é um homem velho com o espírito de São Paulo, e que do Cristo parte a verdadeira revolução, que não contém com o campo deste mundo, aliás se transporta para o do outro. (E. S. 27.)

A  
ab  
ac  
ad  
ae  
af  
ag  
ah  
ai  
aj  
ak  
al  
am  
an  
ao  
ap  
aq  
ar  
as  
at  
au  
av  
aw  
ax  
ay  
az  
ba  
bb  
bc  
bd  
be  
bf  
bg  
bh  
bi  
bj  
bk  
bl  
bm  
bn  
bo  
bp  
bq  
br  
bs  
bt  
bu  
bv  
bw  
bx  
by  
bz  
ca  
cb  
cc  
cd  
ce  
cf  
cg  
ch  
ci  
cj  
ck  
cl  
cm  
cn  
co  
cp  
cq  
cr  
cs  
ct  
cu  
cv  
cw  
cx  
cy  
cz  
da  
db  
dc  
dd  
de  
df  
dg  
dh  
di  
dj  
dk  
dl  
dm  
dn  
do  
dp  
dq  
dr  
ds  
dt  
du  
dv  
dw  
dx  
dy  
dz  
ea  
eb  
ec  
ed  
ee  
ef  
eg  
eh  
ei  
ej  
ek  
el  
em  
en  
eo  
ep  
eq  
er  
es  
et  
eu  
ev  
ew  
ex  
ey  
ez  
fa  
fb  
fc  
fd  
fe  
ff  
fg  
fh  
fi  
fj  
fk  
fl  
fm  
fn  
fo  
fp  
fq  
fr  
fs  
ft  
fu  
fv  
fw  
fx  
fy  
fz  
ga  
gb  
gc  
gd  
ge  
gf  
gg  
gh  
gi  
gj  
gk  
gl  
gm  
gn  
go  
gp  
gq  
gr  
gs  
gt  
gu  
gv  
gw  
gx  
gy  
gz  
ha  
hb  
hc  
hd  
he  
hf  
hg  
hh  
hi  
hj  
hk  
hl  
hm  
hn  
ho  
hp  
hq  
hr  
hs  
ht  
hu  
hv  
hw  
hx  
hy  
hz  
ia  
ib  
ic  
id  
ie  
if  
ig  
ih  
ii  
ij  
ik  
il  
im  
in  
io  
ip  
iq  
ir  
is  
it  
iu  
iv  
iw  
ix  
iy  
iz  
ja  
jb  
jc  
jd  
je  
jf  
jg  
jh  
ji  
jj  
jk  
jl  
jm  
jn  
jo  
jp  
jq  
jr  
js  
jt  
ju  
jv  
jw  
jx  
jy  
jz  
ka  
kb  
kc  
kd  
ke  
kf  
kg  
kh  
ki  
kj  
kk  
kl  
km  
kn  
ko  
kp  
kq  
kr  
ks  
kt  
ku  
kv  
kw  
kx  
ky  
kz  
la  
lb  
lc  
ld  
le  
lf  
lg  
lh  
li  
lj  
lk  
ll  
lm  
ln  
lo  
lp  
lq  
lr  
ls  
lt  
lu  
lv  
lw  
lx  
ly  
lz  
ma  
mb  
mc  
md  
me  
mf  
mg  
mh  
mi  
mj  
mk  
ml  
mm  
mn  
mo  
mp  
mq  
mr  
ms  
mt  
mu  
mv  
mw  
mx  
my  
mz  
na  
nb  
nc  
nd  
ne  
nf  
ng  
nh  
ni  
nj  
nk  
nl  
nm  
nn  
no  
np  
nq  
nr  
ns  
nt  
nu  
nv  
nw  
nx  
ny  
nz  
oa  
ob  
oc  
od  
oe  
of  
og  
oh  
oi  
oj  
ok  
ol  
om  
on  
oo  
op  
oq  
or  
os  
ot  
ou  
ov  
ow  
ox  
oy  
oz  
pa  
pb  
pc  
pd  
pe  
pf  
pg  
ph  
pi  
pj  
pk  
pl  
pm  
pn  
po  
pp  
pq  
pr  
ps  
pt  
pu  
pv  
pw  
px  
py  
pz  
qa  
qb  
qc  
qd  
qe  
qf  
qg  
qh  
qi  
qj  
qk  
ql  
qm  
qn  
qo  
qp  
qq  
qr  
qs  
qt  
qu  
qv  
qw  
qx  
qy  
qz  
ra  
rb  
rc  
rd  
re  
rf  
rg  
rh  
ri  
rj  
rk  
rl  
rm  
rn  
ro  
rp  
rq  
rr  
rs  
rt  
ru  
rv  
rw  
rx  
ry  
rz  
sa  
sb  
sc  
sd  
se  
sf  
sg  
sh  
si  
sj  
sk  
sl  
sm  
sn  
so  
sp  
sq  
sr  
ss  
st  
su  
sv  
sw  
sx  
sy  
sz  
ta  
tb  
tc  
td  
te  
tf  
tg  
th  
ti  
tj  
tk  
tl  
tm  
tn  
to  
tp  
tq  
tr  
ts  
tt  
tu  
tv  
tw  
tx  
ty  
tz  
ua  
ub  
uc  
ud  
ue  
uf  
ug  
uh  
ui  
uj  
uk  
ul  
um  
un  
uo  
up  
uq  
ur  
us  
ut  
uu  
uv  
uw  
ux  
uy  
uz  
va  
vb  
vc  
vd  
ve  
vf  
vg  
vh  
vi  
vj  
vk  
vl  
vm  
vn  
vo  
vp  
vq  
vr  
vs  
vt  
vu  
vv  
vw  
vx  
vy  
vz  
wa  
wb  
wc  
wd  
we  
wf  
wg  
wh  
wi  
wj  
wk  
wl  
wm  
wn  
wo  
wp  
wq  
wr  
ws  
wt  
wu  
wv  
ww  
wx  
wy  
wz  
xa  
xb  
xc  
xd  
xe  
xf  
xg  
xh  
xi  
xj  
xk  
xl  
xm  
xn  
xo  
xp  
xq  
xr  
xs  
xt  
xu  
xv  
xw  
xx  
xy  
xz  
ya  
yb  
yc  
yd  
ye  
yf  
yg  
yh  
yi  
yj  
yk  
yl  
ym  
yn  
yo  
yp  
yq  
yr  
ys  
yt  
yu  
yv  
yw  
yx  
yy  
yz  
za  
zb  
zc  
zd  
ze  
zf  
zg  
zh  
zi  
zj  
zk  
zl  
zm  
zn  
zo  
zp  
zq  
zr  
zs  
zt  
zu  
zv  
zw  
zx  
zy  
zz